



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17858 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GE Cotidianos - éticas, estéticas e políticas

O MITO DA MULHER PESQUISADORA: ENTRELAÇOS DA FEMINILIDADE E A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO

Rita de Cássia Chagas Carvalho - UNEB - Universidade do Estado da Bahia

O MITO DA MULHER PESQUISADORA: ENTRELAÇOS DA FEMINILIDADE E A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho advém dos estudos para construção da pesquisa doutoral nomeada “**O que quer uma mulher?** Universidade, Pesquisa e Psicanálise, tríade que enlaça tempos e espaços”, e que tem como objeto a mulher que produz pesquisa no contexto da universidade pública. Mulheres que têm muito a dizer sobre seu saber/fazer! Inseridas na complexa trama que é a educação brasileira, mulheres pesquisadoras, sujeitos de sua ação pedagógica, são desafiadas cotidianamente a refletirem sobre o seu fazer, pois como afirma Freire (2014, p.32) “faz parte da própria natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa.”

Assim, é necessário entender os acontecimentos cotidianos e o caminho histórico como pistas que favorecem a compreensão do processo no qual essas mulheres estão inseridas e, conseqüentemente, o processo formativo pelo qual passam. O estudo proposto, ainda em andamento, que se gesta nesse cenário, busca responder às perguntas: Seria a feminilidade um impedimento para a construção do conhecimento? O que faz com que o número de mulheres ainda hoje seja consideravelmente menor do que o de homens em determinadas áreas do conhecimento?

A pesquisa está sendo realizada a partir dos pressupostos da dimensão qualitativa e inicialmente a pesquisa bibliográfica, posteriormente adentraremos ao

campo empírico. A estrutura dessa pesquisa passa pelo processo epistemológico, com base na Psicanálise Freudiana e Lacaniana. Aqui visamos contextualizar, em suma, o tema mulher, feminilidade e o processo de construção do conhecimento, com objetivo nos resultados esperados, identificar os efeitos das relações de poder na trajetória das mulheres, na trama do prazer e desprazer, evidenciando as dificuldades que enfrentam, relacionadas ao domínio masculino, contribuindo para o registro e a denúncia de algumas condições e para o anúncio da necessidade de que mulheres sejam educadas também para a ciência, sem resistência para a produção do conhecimento.

2 A FEMINILIDADE PERDIDA: TORNAR-SE MULHER

A feminilidade é um conceito complexo na psicanálise, que explora como as mulheres se desenvolvem, se identificam e expressam sua sexualidade e identidade de gênero. Dessa forma, enfrentar as questões relacionadas à feminilidade implica em tentar abordar o que é considerado impossível de ser dito, tal como Freud fez. Os poetas, segundo ele, tinham conhecimento sobre o feminino. Para Lacan (1965/2003, p. 205), o escritor “celebra as taciturnas núpcias da vida vazia com o objeto indescritível”. Tanto Freud quanto Lacan se esforçaram em descrever o indescritível, em dizer o indizível. Quando tentamos abordar o indizível ligado à figura da mulher, ressaltamos as marcas do que jamais se completa, que está em eterno movimento de construção e reconstrução. A contribuição aqui se dá no sentido de salientar a feminilidade na mulher pesquisadora, articulada às vertentes de desejo.

Na Psicanálise, quando nos referimos ao feminino, discutimos a ideia de se tornar mulher, pois seguimos o ensinamento de Freud de que a anatomia não define o destino. Ou seja, não é o fato de nascer homem ou mulher que determina a identidade de gênero, pois a sexualidade vai além dos órgãos sexuais. Nesse contexto, abre-se a possibilidade de compreender sobre o processo de se construir enquanto mulher, que passa por algo além do ‘ser mulher’, passa pela construção de um lugar feminino. “A feminilidade, da qual Freud faz o objeto de sua conferência, se apresenta assim como um vir-a-ser e não como um ser.” (André, 1986, p. 191).

Freud assinala, em vários momentos de sua obra, a questão da feminilidade como uma incógnita, um empecilho à teoria da psicanálise. Isso, principalmente pelo fato de nunca ter obtido resposta para o seu questionamento: o que quer uma mulher? Ao escrever para Fliess, Freud (1996), diz que a arte dá aos artistas a chave para penetrar nos corações femininos, enquanto nós permanecemos

constrangidos, em face da estranha fechadura que consiste nestes corações e somos obrigados a nos torturar, para lhes descobrir a chave.

Em sua conferência sobre “A feminilidade”, Freud afirma que as mulheres são a exceção, pois, a pergunta “o que quer uma mulher?”, é uma questão impactante, tal como a questão sobre o pai, “o que é um pai?”, que ele tentava responder de maneira universal. Nesse texto o autor reflete a posição feminina, feminilidade e a mulher, e humildemente admite que não pode concluir o suficiente sobre o tema. Talvez por isso, ao longo do tempo o enigma da feminilidade, o que é a mulher e o que é ser mulher assola indagações na cabeça de muitos (FREUD, 1932/1936).

No mesmo texto, Freud também questiona a prática comum de associar características mentais como passivas ao feminino e ativas ao masculino, sugerindo que a verdadeira essência da masculinidade e feminilidade transcende a anatomia e pode estar relacionada à psicologia, “aquilo que constitui a masculinidade ou a feminilidade é uma característica desconhecida que foge do alcance da anatomia. Estaria, quem sabe, nos domínios da psicologia?” (FREUD, 1932/1936, p.75). Questionamento que ele mesmo responde,

[...] a psicologia é incapaz de solucionar o enigma da feminilidade. Sem dúvida, a explicação deve provir de outras fontes e só pode vir quando houvermos aprendido de que modo, em geral, se efetuou a diferenciação dos organismos vivos em dois sexos. Disto nada sabemos, conquanto a existência de dois sexos seja uma característica muito surpreendente da vida orgânica, que a distingue nitidamente da natureza inanimada. (FREUD, 1932/1936, p.78)

Durante esse caminho, a questão da impossibilidade esteve sempre presente ao tentar definir de forma anatômica o que é característico do feminino e do masculino, bem como ao tentar encontrar uma representação visual - "isso é homem" ou "isso é mulher". Freud, apesar de suas tentativas, não conseguiu ignorar essa impossibilidade. E não o fez completamente. Ao longo de suas pesquisas psicanalíticas, quanto mais nos aprofundamos, mais percebemos a presença constante dessa impossibilidade, a partir da qual singularidades possíveis podem surgir de maneira única, não submetidas a um modelo predefinido (imagens e 'maneiras de agir'), mas sim a uma lei, ao desejo, à linguagem e ao gozo, como proposto por Lacan. Dessa forma, é justamente essa aposta nessa impossibilidade que abre caminho para possibilidades. “De acordo com sua natureza peculiar, a psicanálise não tenta descrever o que é a mulher - seria esta uma tarefa difícil de cumprir -, mas se empenha em indagar como é que a mulher se forma.” (FREUD, 1932/1936, p. 79)

Lacan, fala do feminino como um modo que o sujeito opera, um lugar de

criação literária, um furo. Este furo que Lacan aponta como lugar de criação literária é também o lugar de encontro com o feminino. Nos escritos “Mais, Ainda” (1985), afirma que o feminino é o “não todo”, e que “há homens que lá estão tanto quanto as mulheres”. Na visão da psicanálise, o masculino e o feminino se constroem na discursividade do sujeito e não são meramente consequências anatômicas. Nesse debate em torno da questão da feminilidade na psicanálise, podemos dizer que Lacan dá um salto quando postula, para além do impasse da sexualidade feminina concebida a partir da ideia da inveja do pênis, a existência de um gozo a-mais.

Os principais pontos dessa discussão podemos encontrar no “Seminário XX, Mais Ainda”(1972/1973), onde Lacan propõe o desenvolvimento das fórmulas de sexualização para pensar como se constitui a “não relação sexual”, ou seja, a relação entre o sujeito do inconsciente e o gozo do Outro, ou a relação entre o simbólico, o masculino, e o Outro que não se pode nomear, o feminino. Apesar de muitos debates sobre esta proposta e da importância dos escritos de Lacan a respeito de uma elaboração sobre o outro gozo, originado na necessidade de conceber o registro do real e, como implicação, o desenvolvimento da tese sobre o feminino, o impasse continua.

Lacan, traz a concepção do registro do real, no Seminário VII, A Ética da Psicanálise, de uma exterioridade só possível de alcançar pelo esforço de uma transgressão. Uma tentativa de aproximação do sujeito do inconsciente com o campo do real, fazendo uma sobreposição da sexualidade à linguagem, mais precisamente, o gozo do corpo, no que este se relaciona com o Outro, ao significante. Para tanto propõe o que veio a designar como a sua única invenção no campo da psicanálise, o conceito de *objeto a*.

O objeto a em questão torna-se resultado da inserção na linguagem, da separação que possibilita o surgimento do sujeito. Segundo Lacan, o sujeito surge a partir da introdução inicial de um significante e constrói uma representação de si mesmo, enquanto eu, a partir do outro, a representação de um corpo próprio (1962-63, p. 31). É o que Lacan aponta com o texto O Estádio do Espelho (1949) como formador da função do eu. Não sendo especular ou apreensível na imagem, o objeto a faz referência à falta. Lacan afirma que a falta só pode ser apreensível através do simbólico, pois não existe no real. Além disso, a tentativa de preenche-la envolve o simbólico e o imaginário. Lacan também enfatiza a irreduzibilidade dessa deficiência radical na própria estrutura do sujeito. A função de causa de desejo do objeto é assumida nesse posicionamento. Na medida em que ele é sobre, Lacan o reconhece estruturalmente como objeto perdido. O objeto a “é o que lidamos no desejo e por outro lado na angústia” (1962-63, p. 179).

Lacan(1972-73) identifica a lógica da falta de um significante adequado para

nomear uma mulher como um ponto específico no processo de estruturação da mulher. O que torna um corpo legível pelos sentidos do outro é sua vida. E o corpo é mais fácil de ler quanto mais organizado e dentro dos marcadores. Esse corpo é reconhecido por seus significados. Seu significado é definido pelas palavras que o discurso social colocou em seu corpo.

É possível assim, compreender que tornar-se mulher é algo que passa por algo além do 'ser mulher', pois é justamente, pela construção de um lugar feminino, ou do engajamento no discurso histórico, e ao sintoma, que essa constituição pode ou não, se apresentar. Entretanto, diferentemente do discurso histórico, a lógica do feminino encontra-se não na relação com uma impossibilidade direcionada ao outro, mas sim, na relação com um gozo Outro, inominável, que coloca a mulher como sendo 'não-toda', e por assim o ser, estabelece uma relação suplementar com o gozo fálico (Lacan, 1985). Contudo, "não é porque ela é não-toda na função fálica que ela deixe de estar nela de todo. Ela não está lá, não de todo. Ela está lá a toda. Mas há algo a mais." (Lacan, 1985, p. 100).

Há um gozo dela, dessa ela que não existe e não significa nada. Há um gozo dela sobre o qual talvez ela mesma não saiba nada, a não ser que o experimenta - isto ela sabe. Ela sabe disso, certamente, quando isso acontece. Isso não acontece \bar{A} elas todas (Lacan, 1985, p. 100).

Enfim, poderíamos dizer, que é admissível pensar o tornar-se mulher como um destino. Além disso, se para a psicanálise as sexualidades masculina e feminina são fundamentalmente díspares, é possível pensar que, como não é imaginável estabelecer uma equação entre as duas, a feminilidade também representa uma atitude do sujeito, que traz consigo essa marca que impulsiona ao movimento, é claudicante, pulsa. E por assim o ser, furta-se às palavras e ao todo significativo que preenche. Uma ausência-presença que balança, move e dança, saltando ao vazio ecoando (im)possibilidades.

2.1 Resultados e discussões da pesquisa

Durante muito tempo, a ciência foi vista como um domínio reservado aos homens, apesar de algumas mulheres terem desempenhado papéis significativos em seu avanço, muitas vezes sem o devido reconhecimento. Diferentes iniciativas globais têm estimulado a presença feminina na ciência, ressaltando a importância de criar e apoiar modelos que valorizem a diversidade e reconheçam o papel das mulheres na comunidade científica. No Brasil, diversas políticas públicas

implementadas nos últimos dez anos com o objetivo de promover a igualdade de gênero têm impulsionado a participação das mulheres no campo científico.

Ao longo da história, as mulheres têm sido frequentemente invisibilizadas e excluídas dos espaços de produção do conhecimento. Muitas vezes, seus feitos e contribuições foram atribuídos a homens, perpetuando a ideia de que as mulheres não têm capacidade intelectual para participar ativamente neste processo. No entanto, é fundamental reconhecer que as mulheres sempre estiveram presentes na produção do conhecimento, mesmo que de forma silenciada e marginalizada.

Para que a produção do conhecimento seja verdadeiramente inclusiva e diversificada, é necessário desconstruir os estereótipos de gênero que permeiam a academia. A feminilidade não deve ser vista como um obstáculo para a participação das mulheres no campo acadêmico, mas sim como uma força que enriquece e amplia as perspectivas e abordagens de pesquisa. Valorizar a diversidade de experiências e saberes é essencial para promover uma produção do conhecimento mais plural e representativa.

As práticas dominantes do conhecimento excluem as mulheres da pesquisa científica; negam-lhes autoridade epistêmica; desprezam os conhecimentos produzidos por elas, produzem teorias sobre mulheres representando-as como inferiores; produzem teorias sociais que tornam as atividades e interesses das mulheres invisíveis e produzem ciência e tecnologia que não consideram pessoas em posições subordinadas, ou que reforçam hierarquias sociais.

As mulheres desempenham um papel fundamental na construção e disseminação do conhecimento em diversas áreas do saber. Seja na ciência, na filosofia, na literatura ou em qualquer outro campo, elas têm contribuído de maneira significativa para o avanço do conhecimento humano.

Apesar dos obstáculos e dificuldades ainda encontrados, muitas estudantes e docentes se empenham em fazer da pesquisa uma ferramenta para questionar e discutir o papel da mulher. E em uma sociedade onde as vozes femininas são frequentemente silenciadas ou subestimadas, a pesquisa acadêmica assume um papel crucial na ampliação da representatividade e na divulgação das contribuições das mulheres em diversas áreas

Segundo dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), em 2021, 54% dos estudantes em cursos de pós-graduação stricto sensu são mulheres. Dos 405 mil alunos de mestrado e doutorado no Brasil, 221 mil são mulheres. Também são elas que lideram o número de bolsas no país. Em 2020, as pesquisadoras representavam 58% do total de bolsistas stricto sensu.

O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

aponta um cenário similar ao da Capes: entre 2020 e 2021, bolsistas de doutorado se dividem meio a meio, 50% são mulheres; já no mestrado, as pesquisadoras correspondem a 52%. A proporção de mulheres entre os autores do total de publicações aumentou de 38% para 49% de 2002 a 2022. O Brasil se destaca por seu crescimento nesse aspecto, figurando entre os três países com maior representação feminina entre os autores em um grupo de 18 países e a União Europeia, como aponta este relatório. Já em 2020, em um estudo da Elsevi (De Klejin, 2020), observou-se que o Brasil, juntamente com Argentina e Portugal, apresentava o mais alto índice de participação feminina entre os autores.

As mulheres trazem uma perspectiva única para o estudo de diferentes áreas do conhecimento. Elas frequentemente abordam problemas com uma sensibilidade e empatia diferentes, levando a novas descobertas e soluções inovadoras. Sua presença em cargos de liderança nas universidades, centros de pesquisa e empresas promove a inclusão e a diversidade, enriquecendo o debate e ampliando o escopo da pesquisa científica.

A busca por igualdade de gênero na produção do conhecimento é fundamental para a construção de um futuro mais justo e equitativo. A inclusão de mulheres em todos os níveis da academia, desde a graduação até a liderança, é essencial para a diversidade de ideias e a riqueza do debate científico. A valorização do trabalho das mulheres na ciência é crucial para o desenvolvimento da sociedade como um todo. As contribuições femininas são imprescindíveis para o avanço da pesquisa, a inovação e o progresso da humanidade

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há uma ampla gama de formas de expressar a feminilidade, que vão além de estereótipos e papéis de gênero rígidos. Percebe-se, então, que o feminino traz consigo essa marca que impulsiona ao movimento, é claudicante, pulsa. E por assim o ser, furta-se às palavras e ao todo significante que preenche. Uma ausência-presença que balança, move e dança, saltando ao vazio ecoando (im)possibilidades.

Nesse sentido, entendemos que conjugar ciência e feminilidade não se configura como uma tarefa fácil, já que são dois mundos estruturados na dicotomia dos espaços sociais a serem ocupados pelos sujeitos, que precisam romper com essa lógica binária que estrutura o pensamento moderno da compreensão da feminilidade em visões estreitas e estereotipadas.

O estudo inicial pôde suscitar, a partir da compreensão de que o tornar-se

mulher é um processo cheio de nuances particulares e subjetivas, é preciso se construir e desenvolver a partir de suas próprias movimentações entre atividade e passividade, assim, tornando-se mulher. Que, conhecer e tornar visível a trajetória de mulheres no mundo da ciência é fundamental para o desenvolvimento de ações e estratégias que visem à participação equitativa entre mulheres e homens na produção do conhecimento. Que, há uma riqueza de formas de expressar a feminilidade, que transcendem papéis de gênero rígidos, no enfrentamento às estruturas de poder e desigualdade de gênero enraizadas na ciência, que possam promover mudanças estruturais e culturais nas universidades e centros de pesquisa.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, S. O que quer uma mulher? Tradução. Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998 (Campo Freudiano no Brasil).

CAPES. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Dados abertos. Brasília, DF: Capes, 2021. Disponível em: <https://dadosabertos.capes.gov.br/> Acesso em: 12 jun. 2024.»
<https://dadosabertos.capes.gov.br/>

CNPq. Site oficial. Institucional. A Criação. Disponível em: <
<http://www.cnpq.br/web/guest/a-criacao/> Acesso em 16 jun 2024.

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREUD, Sigmund. Feminilidade (1932/1936). In: FREUD, Sigmund. Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Novas conferências Introdutórias sobre Psicanálise e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago. v. 22, 1996.

FREUD, Sigmund, 1856-1939. Obras completas, volume 6 : três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos (1901-1905) / Sigmund Freud ; tradução Paulo César de Souza. — 1a ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2016.

FREUD, Sigmund (1925). Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In: _____. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1980. vol. XIX.

LACAN, Jacques. O Seminário: Livro 20: mais, ainda 2' ed. - Rio de Janeiro: Jorge lahar Editor, 1985.

LACAN, Jacques. (1962-1963). O Seminário, livro 10: A Angústia. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2005.

LACAN, Jacques (1949). "O estádio do espelho como formador da função do eu".

In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998

LACAN, Jacques. O seminário 4: A relação de objeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985

Molina, J. A. O que Freud dizia sobre as mulheres. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher. Universidade. Produção do Conhecimento. Educação. Psicanálise.